Revista Atenas Higeia

ISSN -2596-1403

A interpretatividade da formação imaginária na sessão de terapia.



Artigo Original

Thiago Barbosa Soares

Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Professor adjunto no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT

Correspondência:
Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: http://lattes.cnpq.br/8919327601287308. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2887-1302.
Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

Como citar:
Soares, T. B. A INTERPRETATIVIDADE DA FORMAÇÃO IMAGINÁRIA NA SESSÃO DE TERAPIA. Revista Atenas Higeia. https://revistas.atenas.edu.br/higeia/article/view/563

Copyright:
Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados

Resumo

Este artigo objetiva interpretar a importância da comunicação na psicoterapia segundo o conceito de formação imaginária e seus possíveis acarretamentos de sentidos e de como esses são construídos nesse espaço terapêutico, além de visar à formação do terapeuta no que tange à apropriação de uma "ferramenta" da análise do discurso para sua prática. Para compreender tais relações, empreendemos uma verificação descritiva da comunicação e de como a concepção de formação imaginária, oriunda da Análise do Discurso, pode ser considerada operacional na prática psicológica da terapia. A fim de viabilizar este percurso e torná-lo tanto mais perceptível quanto mais profícuo, trazemos excertos de três obras literárias que abordam a sessão de terapia como cenário no qual se desenrolam suas narrativas para neles se observar o funcionamento da formação imaginária. As obras são: "Mentiras no divã" (YALOM, 2006), "Historias de diván" (ROLÓN, 2008) e "Sessão terapia" (VARGAS, 2013). Dentre alguns dos resultados obtidos com este empreendimento, encontram-se as condições necessárias para se deixar o plano das abstrações teóricas e voltar-se à aplicação interpretativa da formação imaginária em situações próximas às vivenciadas por incontáveis terapeutas em seus consultórios.

Abstract

This article aims to interpret the importance of communication in psychotherapy according to the concept of imaginary formation and its possible entailments of meanings and how they are constructed in this therapeutic space, in addition to aiming at training the therapist in terms of appropriating a "tool " from discourse analysis to its practice. In order to understand such relationships, a descriptive verification of communication is carried out and how the conception of imaginary formation, derived from Discourse Analysis, can be considered operational in the psychological practice of therapy. In order to make this route viable and make it more noticeable as it is more fruitful, excerpts from three literary works are presented that approach the therapy session as a scenario in which their narratives unfold, in order to observe the functioning of the imaginary formation. The works are: "Mentiras no divan" (YALOM, 2006), "Historias de divan" (ROLÓN, 2008) and "Sessão Terapia" (VARGAS, 2013). Among some of the results obtained with this undertaking, there are the necessary conditions to leave the plane of theoretical abstractions and return to the interpretative application of imaginary formation in situations close to those experienced by countless therapists in their offices.

Introdução

A sessão de terapia é uma comunicação na qual a intimidade é performatizada. O processo envolvendo os seus integrantes faz com que haja extração de sentidos, até então, pouco observados. Os interlocutores presentificam, por meio da linguagem, necessidades e seus caminhos para conseguir percorrê-las. Na sessão de terapia, a comunicação é o lugar do embate, da reflexão, da compreensão, da lembrança, do esquecimento, da análise, da fala e, fundamentalmente, da cura. É impossível pensar a terapia psicológica desvinculada de seu eminente caráter comunicacional cujo principal traço fenomenológico é o encontro entre um "eu" e um "tu".

Trata-se, no rigor das tipologias, da relação dinâmica entre as duas instâncias da própria psicoterapia, isto é, "No sentido lato, qualquer método de tratamento das desordens psíquicas ou corporais que utilize meios psicológicos e, mais precisamente, a relação entre terapeuta e o doente" (LAPLANCHE; PONTALIS, 1983, p. 506). Portanto, todo e qualquer tipo de vinculação cujo fim é o estabelecimento de um estado relativamente saudável da atividade psíquica é psicoterapia, mesmo que haja um número extenso de abordagens para a sua ocorrência. Assim, a contingência da sessão de terapia, ou seja, da psicoterapia é precisamente se valer do primado da convergência dos sujeitos e suas subjetividades por meio da comunicação.

É justamente diante dessa importância que se justifica o objetivo deste artigo em tratar da comunicação na sessão de terapia a partir do conceito de formação imaginária e sua relação interpretativa sobreposta aos processos de linguagem implicados a dinâmica terapêutica. Para compreendermos tais relações, vamos empreender uma verificação descritiva da comunicação e de como a concepção de formação imaginária, oriunda da Análise do Discurso, pode ser considerada operacional na prática psicológica da terapia. A fim de viabilizar este percurso e torná-lo tanto mais perceptível e quanto mais profícuo, trazemos excertos de três obras literárias que abordam a sessão de terapia como cenário no qual se desenrolam suas narrativas para a partir deles observamos o funcionamento da formação imaginária na comunicação. As obras são: "Mentiras no divã" (YALOM, 2006), "Historias de diván" (ROLÓN, 2008) e "Sessão terapia" (VARGAS, 2013).

Como objetivamos interpretar a importância da comunicação na psicoterapia segundo o conceito de formação imaginária e seus possíveis acarretamentos de sentidos e de como esses são construídos nesse espaço terapêutico, além de visar à formação do terapeuta no que tange à apropriação de uma "ferramenta" da Análise do Discurso para sua prática, adotamos as seguintes seções: Comunicação e formação imaginária, Análise das formações imaginárias e, por fim, Considerações finais. Na primeira, discorremos sobre os mecanismos comunicacionais sob o prisma da Linguística estruturalista e a inserção, pela Análise do Discurso, da formação imaginária no campo da comunicação. Em seguida, empregamos tal conceito em excertos de obras, citadas acima, que tratam explicitamente da sessão de terapia para investigarmos o seu potencial heurístico e sua viabilidade na prática clínica. Na última seção, apreciamos, avaliamos e pesamos de forma crítica a trajetória aqui percorrida.

Comunicação e formação imaginária

Nesta seção, não visamos a compreensão de toda a gama de elementos que compõem a comunicação humana, como o que é feito pelo título do livro "O que é comunicação" (BORDENAVE, 2006), tampouco temos como escopo o destrinchamento dos fios históricos contemplados pela historiografia linguística que a aborda, antes percorremos as trilhas que melhor cabem ao percurso de nosso objetivo de interpretar a importância da comunicação na psicoterapia segundo o conceito de formação imaginária . Por isso mesmo, deixamos de adentrar noções pouco férteis para nosso intento e produzimos um desvio para já perscrutar os meandros mais comuns e conhecidos da comunicação e, consequentemente, chegarmos à emergência da formação imaginária como um conceito

aplicável à sessão de terapia. Assim, partimos da caracterização mais básica e elementar da comunicação: a interação.

"A comunicação humana é uma constelação complexa de fatores cuja fórmula aristotélica, "o homem é um animal político", contida na obra Política, pode sintetizar" (SOARES, 2018, p. 13, grifos do autor). Para além dessa compreensão antropológica e voltando-nos para os traços pertinentes à comunicação, Mattoso Câmara é quem em "Dicionário de Linguística e Gramática" a conceitua como "Intercâmbio mental entre os homens feito por meio da linguagem" (2004, p. 77). Dubois et al. (2006, p. 129) afirmam ser a comunicação "a troca verbal entre um falante, que produz um enunciado destinado a outro falante, o interlocutor, de quem ele solicita a escuta e/ou uma resposta explícita ou implícita (segundo o tipo de enunciado)". E ainda: "A comunicação é intersubjetiva. No plano psicolinguístico, é o processo em cujo decurso a significação que um locutor associa aos sons é a mesma que a que o ouvinte associa a esses mesmos sons" (DUBOIS et al. 2006, p. 129).

Émile Benveniste, na segunda parte dos "Problemas de linguística geral I" (2005), passa a investigar com profunda acuidade a comunicação. Ratificando boa parte da teoria desenvolvida por Ferdinand de Saussure acerca da língua, Benveniste trata a comunicação das abelhas para, ao final, expor a comunicação humana como não linear, profunda e aberta, posto ser dependente primordialmente da língua. André Martinet em seus "Elementos de linguística geral" assegura que "A função essencial do instrumento que é a língua reside na comunicação: por exemplo, o português é o utensílio que permite aos indivíduos, de língua portuguesa, entrarem em relação uns com os outros" (1972, p. 6). Portanto, a língua é a grande chave da comunicação humana, pois como bem disse Benveniste não há um interpretante capaz de interpretar o mundo e a si como o faz a língua (2005).

"A língua, como principal meio da comunicação humana, é uma organização sistemática de signos que obtêm suas identidades a partir da oposição que fazem a outros" (SOARES, 2018, p. 15). O sistema interno da língua serve para compreendermos parte da problemática integrante da comunicação, porém, quando a língua é posta em funcionamento, surgem desempenhos cujos papéis foram examinados cuidadosamente pelo linguista russo Roman Jakobson, em especial no artigo "Linguística e teoria da comunicação" (2010). Jakobson estipulou, a partir da teoria da comunicação de Karl Buhler, seis fatores constitutivos do processo de comunicação e os associou às performances desempenhadas pela linguagem. Os elementos da comunicação, portanto, são:

- *Emissor: quem produz a mensagem.*
- *Mensagem: conteúdos ou sentidos.*
- *Receptor: quem recebe a mensagem.*
- *Canal: via para o envio da mensagem, podendo ser falada, ser escrita, imagética ou até híbrida.*
- *Código: a língua (via de regra, o idioma), porém, a depender das condições da comunicação, pode ser: gestual ou outras convenções produtoras de sentidos (como os códigos do telégrafo, o código Morse).*
- *Contexto: a realidade empírica.*

Como é possível perceber, a comunicação quando pensada sob o prisma destes elementos, emissor, mensagem, receptor, canal, código e contexto, estrutura a produção e compreensão dos sentidos de tal maneira que parece um processo mecânico. É verdade que tais constituintes participam do ato comunicacional, como no caso da sessão de terapia, contudo não existe a pretensa linearidade planificada, antes há uma série de ruídos e de atravessamentos na interação entre os sujeitos que também (re)produz sentidos e, por conseguinte, devem ser interpretados. Em franca oposição a essa perspectiva, Michel Pêcheux define discurso como "[...] efeito de sentido entre os pontos A e B" (PÊCHEUX, 2010, p. 81), justamente porque opõe-se ao "chapado esquema da informação derivado dos trabalhos de Jakobson segundo o qual um emissor produz uma mensagem X e a envia a um receptor que, por sua vez, recebe o mesmo X enviado" (SOARES, 2020a, p. 175).

Quando falamos em historicidade, não pensamos em história refletida no texto, mas pensamos a historicidade do texto em sua materialidade. O que chamamos historicidade é o acontecimento do texto como discurso, o trabalho dos sentidos nele. Sem dúvida, há

uma ligação entre a história externa e a historicidade do texto mas essa ligação não é direta, nem automático, nem funciona com uma relação de causa-e-efeito (ORLANDI, 2015, p. 68).

Caso fosse compreendida a mensagem em sua integralidade por parte do receptor, não haveria os equívocos de linguagem e a comunicação seria sempre perfeita. É justamente por existir pontos de deriva na comunicação e pela linguagem não ser transparente que "Os pontos A e B são as posições ocupadas pelos sujeitos atravessados pela história; os efeitos de sentidos são construídos no uso da língua; a história compõe as condições de produção dos efeitos de sentido" (SOARES, 2020b, p. 46). Assim, a historicidade dos sujeitos reflete-se no uso da língua que, por sua vez, deflete na sociedade seus acúmulos intergeracionais. Por isso, o conceito de discurso advindo da formulação de "[...] efeito de sentido entre os pontos A e B" (PÊCHEUX, 2010, p. 81) traz o discernimento de que na comunicação, antes de qualquer coisa, há efeitos que relacionam seus integrantes e não uma conexão direta como, em tese, acorreria na interação telepática. É exemplar trazer à lembrança o fato de que comumente se diz algo e a compreensão desse algo é muito diferente do que produzido pela intenção de quem o emitiu.

A partir de tal marco nos estudos linguísticos, a comunicação gradativamente adquire a característica interacional de discurso. O discurso passa, então, a ser confundido com o ato interacional pela razão de ser seu integrante e também ultrapassar o uso restrito da língua, porquanto entre os interlocutores A e B a criação de efeitos pode se dar pelo uso verbal, bem como pelas outras formas de linguagem. No entanto, é a língua, como lembra Benveniste, o interpretante universal, de modo que todos os objetos do mundo possam ser discursivizados. Portanto, a concepção de discurso altera profundamente a configuração linearizada da comunicação ao abrir os sentidos para seus múltiplos efeitos entre os seus participantes.

Com base no discurso como efeito de sentidos entre os interlocutores, emerge outra concepção importante para a Análise do Discurso, qual seja, a de formação imaginária. As formações imaginárias, segundo as quais Pêcheux conceituou em 1969, dizem respeito ao lugar ocupado por A e B cuja representação no discurso se dá por antecipações implicadas na cadeia discursiva. "As formações imaginárias são imagens que cada um dos participantes de uma interação verbal faz de si e do outro na projeção de tais imagens como efeitos no discurso" (SOARES, 2018, p. 116). Ao escrever um trabalho de conclusão de curso, o aluno precisa trazer para seu texto os conhecimentos adquiridos ao longo de seu curso. Essa é uma formação imaginária que um professor avaliador tem de seu aluno, respondendo a ela, o professor terá de fazer as correções necessárias no texto. Por sua vez, o aluno de posse da imagem do professor corretor tentará não incorrer em inadequações para satisfazer sua imagem criada pelo professor.

A partir da formação imaginária, surge o que Pêcheux chama de antecipação. Uma espécie de cálculo segundo o qual a formação imaginária é capaz de reconhecer o seu espelho. Em outros termos, um determinado posicionamento argumentativo gera seu contrário, em um efeito dialético, praticamente toda vez de seu proferimento. Portanto, as formações imaginárias podem servir de antecipação do projeto enunciativo posto em marcha no discurso (SOARES, 2020, p. 176).

Em decorrência do surgimento da concepção de formação imaginária nos estudos linguísticos, mais especificamente na Análise do Discurso, há a possibilidade de seu emprego redimensionar os efeitos de sentidos produzidos entre os interlocutores do ato comunicacional, de maneira a ser uma das forças atuantes em seu interior. Diante de nosso objetivo de interpretar a importância da comunicação na psicoterapia segundo o conceito de formação imaginária e seus possíveis acarretamentos de sentidos e de como esses são construídos nesse espaço terapêutico, é premente que a formação imaginária seja aplicada e compreendida como uma das "ferramentas" à disposição do terapeuta em sua prática clínica. Dessa forma, na seção seguinte a empregamos analiticamente em trechos extraídos das obras

"Mentiras no divã" (YALOM, 2006), "Historias de diván" (ROLÓN, 2008) e "Sessão terapia" (VARGAS, 2013), a fim de ilustrar a viabilidade de seu uso.

Análise das formações imaginárias

As três obras, "Mentiras no divã" (YALOM, 2006), "Historias de diván" (ROLÓN, 2008) e "Sessão terapia" (VARGAS, 2013), possuem muitos elementos em comum e significativos para compreensão das formações imaginarias em seu funcionamento na clínica psicológica. Todas mostram parte do tratamento empreendido pelos terapeutas em suas práticas; os dramas vivenciados na interação entre quem conta e quem auxilia pela escuta; as diversas angústias existentes no espectro humano compõem material básico dos múltiplos tecidos presentes nas narrativas. Os três livros foram escritos por autores experientes e gestados sob a supervisão e consultoria de especialistas.

"Mentiras no divã" (2006) foi escrito pelo psiquiatra e professor universitário norte-americano Irvin D. Yalom, narrando os dilemas e as dificuldades de um psicanalista, Ernest Lash, e seus pacientes no consultório. O processo comunicativo segundo o qual Ernest e seus pacientes agem com relação aos problemas emergentes na clínica demonstra os efeitos das formações imaginárias. Para ilustrar isso, trazemos o seguinte excerto:

> *— Você me pediu para falar honestamente — continuou Carol —, para dizer aquilo em que eu estivesse pensando.*
> *— Foi isso mesmo que fiz, Carolyn. E você está fazendo exatamente o que deveria estar fazendo. A honestidade é a principal virtude no reino da terapia. Podemos, devemos, falar sobre tudo, expressar tudo... contanto que cada um de nós permaneça em seu próprio espaço físico.*
> *— Ernest, isso não funciona para mim. Conversas e palavras não bastam. Você conhece minha história com os homens. A desconfiança corre muito fundo. Não consigo acreditar em palavras. Antes do Ralph, consultei vários terapeutas, cada um por uma ou duas sessões. Eles seguiram o procedimento, seguiram a fórmula até a última letra, foram fiéis ao seu código profissional, permaneceram corretamente remotos.*
> *— Além do Ralph, ninguém lhe ofereceu nada de útil?*
> *— Só palavras. Quando saía do consultório deles, não levava nada comigo. É o mesmo agora. Quando saio sem tocá-lo, as palavras simplesmente desaparecem, você desaparece, a menos que eu tenha alguma impressão sua na minha pele.*
> *— Na verdade, Ernest — continuou ela —, o que eu realmente quero hoje não é conversar, mas sentar-me ao seu lado no divã e apenas sentir sua presença perto de mim.*
> *— Eu não me sentiria à vontade fazendo isso — não é dessa maneira que poderei melhor ajudá-la. Temos muito trabalho a fazer, muitas coisas sobre as quais conversar (YALOM, 2006, p. 393-394).*

Um momento delicado, como é possível se observar, no qual o terapeuta precisa reconhecer os caminhos e eventuais descaminhos no ato comunicativo, tanto os primeiros quanto os segundos recortados pela formação imaginária. Porquanto, Carolyn imprime inicialmente em seus enunciados a imagem de uma mulher que deseja seu enunciatário, isto é, seu terapeuta. O cálculo argumentativo para a construção da imagem de uma mulher desejante por seu analista estrutura-se a partir da conexão de uma honestidade que deve ser mantida entre os participantes da sessão, ancorando-se posteriormente na própria história de vida na qual Carolyn parece ter sempre sido iludida por palavras. Desse modo, a imagem não é apenas de uma mulher seduzindo seu interlocutor, mas de alguém que não consegue acreditar em palavras e, por isso, precisa de mais proximidade para acreditar.

Carolyn reforça a formação imaginária de mulher incrédula ao dizer que a postura distante e protocolar de outros terapeutas não lhe traziam acréscimos. Ora, o formação imaginária concebida pela fala da paciente contém justamente a imagem que ela faz de seu terapeuta, ou seja, de alguém que segue uma conduta restrita por um código ético (interno e/ou externo) e, então, também restrito ao poder auxiliá-la com suas próprias questões. "Em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro" (PÊCHEUX, 2010, p. 81).

Para além de todas as interpretações de condutas éticas, a fala de Ernest corresponde precisamente à formação imaginária engendrada por sua paciente quando ele diz não se sentir à vontade sentando muito próximo a Carolyn. Ao construir a imagem de uma mulher desejante pela proximidade com seu interlocutor, ela já sabia do compromisso ético dele que, por sua

vez, reforça a formação imaginária dela. Eis que a formação imaginária criada pelo ato comunicativo do terapeuta reflete a própria formação imaginária acerca de seu comportamento. De acordo com a formação imaginária engendrada pela fala de Ernest, o comportamento de Carolyn não deve ser ratificado por ele, pois pode resultar em "problemas" (essa é uma inferência perfeitamente possível de ser realizada, porque a relação que deve ser mantida na sessão de terapia possui seus limites).

Ao compreender o funcionamento das formações imaginárias no interior da comunicação produzida no consultório psicológico, é possível haver melhores intervenções e também certas "desconstruções" necessárias para o desenvolvimento do processo terapêutico. "Mentiras no divã" (YALOM, 2006), entre tantas passagens, deixa ver o caráter exequível da aplicação do conceito de formação imaginária, bem como "Historias de diván" (2008) escrito pelo psicólogo e psicanalista argentino Gabriel Rolón. Em sua narrativa, Rolón é o próprio terapeuta responsável por descrever os casos que vivenciou na clínica. No trecho que extraímos dessa obra, Rolón entrevista pela primeira vez Antonio que acabara de internar o pai em um centro geriátrico e nunca fora ao psicólogo.

> *— ¿Y su madre?*
> *— Mi madre murió cuando yo tenía diecisiete años.*
> *— ¿Tiene recuerdos de ella?*
> *— Sí. La recuerdo hermosa, dulce… un sol. Pero vio usted cómo son los recuerdos.*
> *— ¿Cómo son?*
> *— Engañosos. A veces el tiempo y la memoria cambian un poco las cosas.*
> *— Cuénteme cómo era.*
> *— Mi madre era muy religiosa. Su frase de cabecera era: "Nada escapa de la mirada de Dios". Supongo que de allí proviene gran parte de mi fe. Nuevamente nos quedamos callados. Yo siento que, si bien es una persona muy agradable, culta e inteligente, estamos un poco nerviosos y nos cuesta lograr un diálogo fluido. Salta a las claras que ninguno de los dos vive esto como algo natural.*
> *— Antonio, necesito hacerle una pregunta.*
> *— Diga.*
> *— ¿Por qué está aquí hablando conmigo en um consultorio psicológico y no en un confessionário con algún sacerdote? Piensa un poco antes de responder.*
> *— No lo sé. Yo también me lo he preguntado. Pero no encuentro respuesta. Tal vez usted me ayude a encontrarla.*
> *— Le prometo que voy a intentarlo.*
> *— De todos modos, debo decir que me provoca mucha culpa estar aquí.*
> *— ¿Por qué?*
> *— Porque es como si renegara de mi fe.*
> *— ¿De qué manera?*
> *— Pensando que mi angustia deviene de un problema psicológico y no de un problema espiritual.*
> *— Bueno, a lo mejor no son cosas tan distintas,¿no?*
> *— Puede ser.*

Hablamos un poco más y así transcurrió la primera de las siete entrevistas. La verdad es que al principio me sentí algo tenso, pero poco a poco ambos fuimos relajándonos y hacia el final nos permitimos, inclusive, intercambiar algunas bromas (ROLÓN, 2008, p. 221-222) .

Antonio através de suas práticas enunciativas constrói a formação imaginária de um sujeito não apenas desconfiado da própria terapia psicológica, mas de alguém que está culpando-se por buscar esse tipo de ajuda. Sua religiosidade adquirida de sua mãe possui sobre sua forma de ver o mundo uma grande capacidade de moldar-lhe o olhar. Desse modo, a fala de Antonio acerca da busca por auxílio psicológico especializado endossa a formação imaginária de um sujeito religioso que aos poucos sente algumas desconfianças dessa estrutura de poder, porém não o suficiente para desconstruí-la por si só. Assim, é possível observar que a formação imaginária instituída pelos enunciados de Antonio está enredada por uma força externa, pelo poder religioso. Para Foucault, o "poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. [...] O poder funciona e se exerce em rede" (2012, p. 284).

As redes nas quais esse poder conformador de formações imaginária funciona são invisíveis, "Entretanto, a invisibilidade do poder disciplinar, advertia Foucault, tinha na vigilância uma contrapartida visível e um mecanismo que a sustentava" (GIDDENS, 2011, p. 318). Como vimos anteriormente, quando da descrição da formação imaginária na comunicação, o ato de dizer vai necessariamente produzir sentidos e efeitos que forçosamente criam uma imagem de seu enunciador e, portanto, a parte visível do mecanismo de vigilância disciplinar do poder orientador de formações imaginárias está precisamente nos enunciados produzidos em correspondência a uma determinada situação de comunicação, neste caso, a sessão de terapia.

A ação interacional processa os

componentes integrantes das formações imaginárias em jogo, com vistas a fluidez das trocas informacionais, entretanto, como é necessário notar, há frequentemente uma parte do expediente comunicacional apagada ou silenciada, porquanto é inerente ao encadeamento da linguagem a elaboração seletiva de seus constituintes. “Consideramos que há sempre no dizer um não-dizer necessário. Quando se diz “x”, o não-dito “y” permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de “x”” (ORLANDI, 2015, p. 82, aspas da autora). Em outros termos, o que Antonio diz não só expressa os sentidos que tecem sua formação imaginária, mas, ao mesmo tempo, vela os efeitos a partir dos quais sua imagem discursiva é engendrada. Desse ponto de vista, é na interação entre as formações imaginárias que a sessão de terapia ganha sua dinâmica, tal como podemos perceber no diálogo entre Antonio e Rolón.

O terapeuta, por sua vez, “cria” sua formação imaginária de acordo com as próprias necessidades do momento, já que existe uma responsividade dialógica entre as imagens no interior das trocas interacionais. Rolón ao apresentar-se aberto e receptivo a Antonio permite a manifestação plena da formação imaginária desse, porque constrói uma imagem discursiva propensa a Antonio trazer à tona o que lhe vai no interior. Quando Rolón indaga seu paciente acerca da razão pela busca de auxílio psicológico, a mesma formação imaginária acolhedora também se reveste na imagem de alguém que já depreendeu a imagem religiosa do seu interlocutor. “¿Por qué está aquí hablando conmigo en um consultorio psicológico y no en un confessionário con algún sacerdote? Piensa un poco antes de responder” (ROLÓN, 2008, p. 221).

O apontamento de Rolón é, entre outras coisas, a ampliação e reflexão da formação imaginária de Antonio que gera um momento analítico responsável pelo rastreamento da explicitação do que se vai tratar com o suporte psicológico. Portanto, a apreensão da formação imaginária do paciente por parte do terapeuta incide fundamentalmente nas possíveis intervenções que esse possa empreender cujo objetivo deve ser, entre outros, a tomada de consciência das possíveis causas de seu sofrimento. Assim, a comunicação no espaço da clínica psicológica parece ganhar mais significado para o tratamento e a dinâmica existente entre as formações imaginárias recebe maior investimento de seus participantes, podendo, desse modo, ser mais um ponto de ancoragem da atuação do terapeuta, como vemos em “Historias de diván” (ROLÓN, 2008).

De forma mais ou menos semelhante a “Mentiras no divã” (YALOM, 2006) e “Historias de diván” (ROLÓN, 2008), “Sessão terapia” (2013), adaptação da série israelense Be Tipul feita pela roteirista brasileira Jaqueline Vargas, é uma obra (usamos o livro, não a série televisa homônima) que narra os atendimentos Theo Cecatto em sessões de terapia fazendo de trocas interacionais nas quais as formações imaginárias estão presentes. Como no caso a seguir em que o terapeuta, por questões pessoais, aventa a possibilidade de encerrar o tratamento de uma paciente e transferi-la a outro psicólogo.

– Como? Qual é o seu problema comigo, Theo? Eu venho aqui há um ano, nunca faltei a uma sessão, hoje foi a primeira vez que atrasei. Por isso, só porque pensei em não vir hoje mas vim, você quer passar a bola para um colega?

– Não, Júlia. Não é isso.

– Theo, eu já disse. Entendi. Você não tem obrigação nenhuma de gostar de mim como eu gosto de você. Não tô pedindo nada!

– Eu não estou falando disso.

– Está falando do quê? Sabe de uma coisa? Eu não devia ter vindo mesmo – ela respondeu antes de rebater todas as minhas colocações sobre o tédio e a carência dela.

De repente ela começou a falar do noivo:

– Você realmente desperta sentimentos em mim que eu nunca achei que poderia ter.

– Que sentimentos, Júlia?

– Agora mesmo me bateu uma vontade de ver o André. Queria que ele estivesse aqui. Queria estar com alguém que gosta de mim (VARGAS, 2013, p. 74).

Em alguma medida, o caso enfrentado por Theo reproduz as características da situação

vivenciada por Ernest com Carolyn, já que Júlia, por meio de seus enunciados, cria a imagem de uma mulher desejante por seu terapeuta. Contudo, a formação imaginária da paciente de Theo engendra tanto seu desejo quanto a vontade de ser desejada. O trabalho dos sentidos propostos pela fala de Júlia caminha verticalmente para que seu interlocutor demonstre gostar dela. Em vista disso, é possível dizer que há não espelhamento das formações imaginárias em jogo no espaço interacional da sessão de terapia, porque uma formação imaginária busca ter um tipo de interseção com sua interlocutora, em contrapartida há aparentemente uma esquiva da outra parte envolvida no processo.

Para melhor compreensão do cálculo argumentativo realizado na construção da imagem de Júlia, é imprescindível trazer sua indignação inicial para o desdobramento de sua formação imaginária, pois dela podemos extrair sua revolta com a possibilidade de ser rejeitada por Theo. Ainda mais sob a pretensa justificativa de seu tratamento ser interrompido pela fato de ter atrasado o início de sua sessão. “Eu venho aqui há um ano, nunca faltei a uma sessão, hoje foi a primeira vez que atrasei. Por isso, só porque pensei em não vir hoje mas vim, você quer passar a bola para um colega?” (VARGAS, 2013, p. 74). Segundo esse enunciado, a formação imaginária de Júlia constrói-se e expressa-se sob a égide do medo da rejeição ilegítima e infundada.

A formação imaginária de Júlia informa ao interlocutor que existe uma necessidade, de maneira a deixar a via interacional aberta para uma formação imaginária que possa suprir as contingências exíguas de certas carências. Com isso dito, observamos a construção discursiva da imagem virtual de Júlia, em absoluto objetivamos quaisquer recomendações quanto ao comportamento, tanto verbal quanto corporal, de Theo, porquanto isso implica escolha de posturas e abordagens para ministrar determinadas interpretações que visem o desenvolvimento de um tipo de recurso terapêutico. Como aqui temos por objetivo compreender a importância da comunicação na psicoterapia segundo o conceito de formação imaginária e seus possíveis acarretamentos de sentidos e de como esses são construídos nesse espaço privilegiado de trocas, por isso a imagem gerada pelos dizeres de Júlia ao seu terapeuta são de importância ilustrativa e elucidativa.

Nesse sentido, quando é dito a Theo “Você realmente desperta sentimentos em mim que eu nunca achei que poderia ter” (VARGAS, 2013, p. 74), a formação imaginária de uma mulher desejante por seu terapeuta por ser colocada em xeque, já que não é possível afirmar que Júlia nutre apenas atração por seu interlocutor, pois pode haver outros sentimentos em jogo que mereçam a devida atenção no processo terapêutico. O mesmo se dá quando ela afirma: “Queria estar com alguém que gosta de mim” (VARGAS, 2013, p. 74), há aí efetivamente a corroboração do desejo que seu interlocutor construa/possua uma formação imaginária que entre em responsividade dialógica com a sua. Entretanto, Theo, por meio de seus enunciados, tenta entender como ela está, gerando uma imagem aparentemente compreensiva.

É arriscado, talvez até irresponsável, avançarmos com a interpretação da formação imaginária de Theo, uma vez que suas falas são parcimoniosas e, exatamente por isso, prefiguram a imagem de um terapeuta cauteloso com o manejo da situação comunicacional na qual se encontra. Portanto, do pouco que ele expõe no excerto, podemos depreender a formação imaginária de um profissional experiente nesse tipo de interação segundo a qual o cuidado pode ser a melhor decisão a ser tomada. Desse modo, a despeito da dificuldade enfrentada pelo momento presente na sessão de terapia, existem, como Theo deixa transparecer, posturas relativamente “neutras” responsáveis por engendrar uma formação imaginária para lidar certas inseguranças advindas de circunstâncias um tanto quanto delicadas.

Considerações finais

Como nosso objetivo era interpretar a importância da comunicação na psicoterapia segundo o conceito de formação imaginária e seus possíveis acarretamentos de sentidos e

de como esses são construídos nesse espaço terapêutico, além de visar, com esta investigação, à formação do terapeuta no que tange à apropriação de uma "ferramenta" da Análise do Discurso para sua prática, acreditamos que cumprimos nosso propósito. Ainda que hiatos e restrições contribuam para as imperfeições contingenciais aqui existentes, podemos afiançar que a propositura deste artigo atingiu seu principal alvo, uma vez que, tendo selecionado para uma verificação descritiva da comunicação e de como a concepção de formação imaginária pode ser considerada operacional na prática psicológica da terapia, extraímos excertos de três obras literárias, que abordam a sessão de terapia como cenário no qual se desenrolam suas narrativas, para neles observamos o funcionamento do formação imaginária.

Diante do percurso deste artigo, tentamos torná-lo tanto mais perceptível e quanto mais profícuo, "Mentiras no divã" (YALOM, 2006), "Historias de diván" (ROLÓN, 2008) e "Sessão terapia" (VARGAS, 2013) trouxeram as condições necessárias para deixarmos o plano das abstrações teóricas para aplicarmos interpretativamente a formação imaginária em situações próximas às vivenciadas por incontáveis terapeutas em seus consultórios, de maneira a ilustrarmos o que Aristóteles diz acerca da imitação da arte em relação à vida: "Imitar é natural aos homens desde a infância e nisto se distinguem dos demais animais, porque imitam mais e adquirem os primeiros conhecimentos através das imitações" (2004, p. 40). Portanto, inserimo-nos no contingente que depreende da arte a vida e desta aquela.

Constatamos, também, a partir deste trajeto interpretativo existir abordagens psicológicas mais ou menos afeitas e até mais propícias a incorporações teórico-metodológicas, como no caso da formação imaginária, em contrapartida sabemos existir outras não tão permeáveis. Todavia, esperamos ter esclarecido o fato de que a imagem virtualizada no discurso por alguém é um processo intrínseco ao uso dos recursos disponíveis pela linguagem, já que a existência dos cálculos efetuados para descrever, narrar e argumentar (e mesmo para outros processamentos de sentidos) independem da consciência que deles se possui. Em vista disso, o conhecimento e, consequentemente, a assimilação da formação imaginária expande para o terapeuta o "domínio" e o uso de um pungente expediente na sessão de terapia.

Assim, "O que diferencia uma sessão de psicoterapia no consultório nas outras relações pessoais é o fato de cliente e terapeuta terem concordado em colocar uma lente de aumento ou amplificador no material que ali surgiu com o intuito de ajudar o cliente" (GRINBERG, 1997, p. 178). Dessa ótica, a implementação da formação imaginária no processo psicoterápico para auxiliar na prática do terapeuta pode trazer ganhos e contribuições, pois

O psicoterapeuta, tendo o privilégio de testemunhar a luta íntima de um certo número de pessoas, seus combates muitas vezes graves e amargos, consigo mesmas e com as forças externas que as desafiam, adquire por elas um grande respeito e uma nova compreensão do potencial de dignidade do ser humano (MAY, 1973, p. 65).

Ora, a captação da formação imaginária permite a aplicação do respeito, cuidado e acolhimento, porque traz em seu germe teórico a compreensão daquilo que é inerente ao gênero humano, ou seja, sua incompletude, manifestada em uma "ferramenta" também incompleta, a língua, e sua vontade de comunicar o que lhe vai no íntimo para, com isso, extirpar- lhe o sofrimento. Portanto, além de mais uma técnica comunicacional, a formação imaginária refere-se à representação da qual estamos fadados a participar, isto é, expressar-se diante de alguém que pode ajudar-nos, mas que para tanto melhor o fazer precisa entender como as imagens que criamos em nossas interações funcionam.

Referências

ARISTOTELES. Poética. Trad. Baby Abrão. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.

BENVENISTE, E. Problemas de linguística geral I. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

BORDENAVE, J. E. D. O que é comunicação. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CÂMARA Jr. J. M. Dicionário de linguística e Gramática. 25ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

DUBOIS, J. et al. Dicionário de linguística. Trad. Izidoro Blikstein. 20ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

GIDDENS, A. Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento clássico e contemporâneo. Trad. Cibele Saliba Rizek. São

Paulo: Editora UNESP, 2011.

GRINBERG, L. P. Jung: o homem criativo. São Paulo: FTD, 1997.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Trad. Roberto Machado. 25 ed. São Paulo: Graal, 2012.

JAKOBSON, R. Linguística e comunicação. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 22ª ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. Vocabulário da psicanálise. Trad. Pedro Tamen. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ORLANDI, E. P. Análise do discurso: princípios e procedimentos. 12 ed. Campinas. SP: Pontes, 2015.

MARTINET, A. Elementos de linguística geral. Trad. Jorge Morais-Barbosa. 4ª ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1972.

MAY, R. O homem à procura de si mesmo. Trad. Aurea Brito Weissenberg. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1973.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania S. Mariani et al. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010, p. 75-116.

ROLÓN, G. Historias de diván. 9ª ed. Buenos Aires: Planeta, 2008.

SOARES, T. B. Percurso linguístico: Conceitos, críticas e apontamentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

SOARES, T. B. 1969, o ano que não terminou: o acontecimento da análise do discurso. In: BUTTURI JUNIOR, Atilio; BRAGA, Sandro; SOARES, Thiago Barbosa (org.). No campo discursivo: teoria e análise. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020a, p. 167-185.

SOARES, T. B. Concisa apresentação da linguística: um panorama da gramática comparada à pragmática. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020b.

VARGAS, J. Sessão terapia. São Paulo: Arqueiro, 2013.

YALOM, I. D. Mentiras no divã. Trad. Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.